

Nízia Villaça

UFRJ – CNPq

A escrita do corpo: espaço e representação contemporâneos

O direito sempre se escreveu sobre corpos: do nascimento ao luto. Mediante iniciações e rituais de toda ordem, os corpos foram transformados em tábuas da lei, graças às quais os indivíduos eram postos num texto e o Logos da sociedade se fazia carne.

Os instrumentos de escarificação, de tatuagem e de iniciação, todo tipo de arma com função disciplinar tinha a função de organizar o espaço social: articular o texto e o corpo, remetendo de um lado ao corpo simbólico e, do outro, aos seres de carne e osso.

A maquinaria jurídica que floresceu do século XVIII ao XIX propiciou ao texto o estatuto de ser aplicável sobre os corpos, transformando-os em corpos sociais. A maquinaria do tipo médico ou cirúrgico serviu de terapêutica para individuar as anormalidades. A unidade de referência deixa de ser o corpo social para tornar-se o individual. É este viés que nos levará aos corpos cibernéticos, à mecanização do corpo. Mudam os tempos, mas mantêm-se os mecanismos de conformação e instrumentação. O fascínio pelos instrumentos no contemporâneo, conforme veiculação na mídia, é paradigmaticamente exemplificado pela foto da tetraplégica nua na capa da revista *Trip*: "Trip girl. O corpo perfeito de Mara: 1,71m, 60Kg., tetraplégica".¹ Há algo de indiscernível entre o apelo da nudez e o fascínio da manutenção da estética via técnicas modernas.

Carnes escritas por instrumentos se distinguem do grotesco, do informe daquilo que não recebe a lei. A grade de ferro da Colônia Penal é sempre idêntica mesmo que se mude a inscrição no corpo condenado. A disciplina da malhação contemporânea por um corpo perfeito tem sido, assim, analisada nas suas articulações com bulimia e anorexia, apontando a morte do corpo através de instrumentos sutis. John B. Thompson, seguindo Michael Mann e outros autores,

TERCEIRA MARGEM

distingue, entre as várias formas de poder, o econômico, o político, o coercitivo e o simbólico. Passamos, no momento, ao predomínio do poder simbólico que veio substituir o coercitivo.²

Os livros são metáforas do corpo, se considerarmos que terminaram por substituir a pele do empregado na qual o patrão escrevia. O papel substituiu a pele em momentos mais harmônicos, quando os castigos corporais e as torturas não se fazem presentes. A escrita da lei trouxe o prazer do reconhecimento, legível a cada época, proporcionando a participação na sociedade pela obediência.

Estendo a escrita e suas delimitações ao estudo da imagem, escrita do contemporâneo: imagens da mídia, imagens virtuais ou reais do mundo científico, no cinema e no vídeo, imagens em diálogo, na formatação das imagens mentais da corporalidade.

Se considerarmos a cultura como totalidade dos sistemas de significação através dos quais o indivíduo cria valores, coesão e interage com o mundo e com o outro, a cultura corporal se constitui como um subsistema. Os processos de subjetivação da contemporaneidade têm encontrado no corpo um "locus" onde as discussões se sucedem, seja colocando-o como o baluarte da resistência aos processos de desmaterialização e metamorfose, propiciados pela ciência e pela técnica, seja através de novos investimentos simbólicos que privilegiam sua desconstrução em campos de força, sua perda de organicidade, sua heterogênesse. Em ambas as correntes os limites são discutíveis, pois podem ir do neo-ludismo racionário a um neo-iluminismo tecnológico. É esta teia simbólica que pretendemos rastrear.

No campo da tecnociência

Uma das características mais fantásticas de nossa era é precisamente a explicitação da promiscuidade entre o humano e o maquínico e, na área cultural, entre o artístico e o tecnológico. Steven Johnson pergunta se o primeiro pintor de cavernas era artista ou engenheiro sublinhando o fato de que sempre houve a tendência de separar os habitantes que habitam nas margens da tecnologia e os que habitam na margem da cultura.³ Fernando Bonassi por um lado satiriza a mercadoria homem/máquina:

CYBORG

*Olho de vidro. Aparelho nos dentes. Platina no nariz.
Pino na bacia. Perna de pau. Pinto de borracha. Cronômetro
embutido. Braço mecânico. Marca-passo. Ponte de safena.
Pulso firme. Coração de plástico. Fios de ouro nas rugas.*

TERCEIRA MARGEM

Cartilagem de tubarão nas juntas. Vitaminas. Pomadas. Proteínas. Sonda renal. Pulmão artificial. Microchip no cérebro. Pele enxertada. Ossos soldados. Intestinos encurtados. Amígdalas extirpadas. Fígado transplantado. Sistema GPS. Unha postiça. Óculos de sol. Drenos. Joelheiras. Cotoveleiras. Muletas e perucas. Não suja. Não laceia. Acompanha estojo de viagem. Vinte e quatro funções. Trabalha à pilha e à luz. Lavar em água morna. Se agita com antenas. Se acalma com eletrochoque.

Fernando Bonassi

Transcrevendo visões ousadas e discutíveis de teóricos sobre o assunto, Tomaz Tadeu da Silva,⁴ sublinha que a questão não é mais, agora, "quem é o sujeito"?, mas "queremos, ainda, ser sujeitos"?, "quem precisa do sujeito"?, "quem tem nostalgia do sujeito"?, ou "quem vem depois do sujeito"?, e podemos perguntar o que vem depois do sujeito? Obviamente tais questões se produzem na seqüência de transformações no imaginário corporal sob o impacto das novas tecnologias biológicas e informacionais.

O "corpo no espaço" fundador da visão newtoniana do universo, modelo de uma imagem do corpo fechado e localizado no espaço que dominou até o final do século XIX passa por um processo de abertura para o mundo.⁵ Para a modernidade, o corpo, como unidade elementar da natureza, era uma partícula sólida, impenetrável e móvel dotada de propriedades inerciais, permanecendo idêntica consigo mesma independente de tempo e lugar.

Tal visão entra em crise no contemporâneo. Já agora nenhum princípio mecânico leva numa cadeia de causas físicas das características do corpo no espaço à dinâmica do "sistema do mundo".⁶ Micro e macrocosmos passam a não se corresponder. A nova versão da matéria (partícula e onda), introduzida pelo mundo quântico, refletiu-se no aparecimento de formas abertas, substituindo o fechamento implicado no imaginário burguês. Vivemos em meio a objetos híbridos, objetos quânticos sendo difícil estabelecer as fronteiras entre o natural e o humano, o real e o virtual como sublinham os autores do livro *O objeto quântico; como o espírito chega aos átomos*.⁷

A questão da técnica provoca abalos nas fronteiras de diversos campos, anteriormente definidos de maneira mais padronizada como os de gênero, beleza, faixa etária. A nova estética identitária é dirigida pela mutação. Os parâmetros nacionais e culturais tornam-se complexos com a alteração do tempo/espaço, pelas teletecnologias. Crescem as discussões éticas sobre os novos modos de ocorrência do vínculo social num tempo de encontros virtuais, sobre a disputa das patentes das seqüências do genoma humano e os limites da prática da

TERCEIRA MARGEM

engenharia genética (o conceito de concepção, a questão dos embriões terapêuticos ou o entendimento de morte cerebral).

Se as inovações tecnológicas provocaram, no correr da história, mudanças na percepção humana e no estatuto imaginário corporal, a crescente aceleração das transformações é o dado fundamental. Assim, a propósito da corrida de automóveis e motocicletas Circuito de Itapeperica em 1908 e de outros fatos ligados a história do automobilismo, Denise Bernuzzi de Sant'Anna⁸ comenta como o aerodinamismo das formas, empregado para dominar o carro e o movimento, se espalhou pela sociedade, criando corpos longelíneos, ágeis, roupas leves etc. O organismo humano devia trabalhar como um motor de combustão, transformando, através dos recursos adequados (regimes, estâncias minerais, xaropes etc.), os alimentos em energia produtiva.

Hoje, na celebrada sociedade do espetáculo, regulada pelo individualismo e pelo mercado, a aceleração tecnológica multiplica seus efeitos, participando da montagem de novos cenários e personagens sobretudo via mídia. O estilo de vida publicitário investe na juventude e na perfectibilidade com vigorosos apelos à ciência estética e biológica. A máquina torna-se impactante, comenta Lúcia Santaella,⁹ quando deixa de ser um instrumento manipulado pelo homem, afastando-nos do conhecimento cognitivo-instrumental que caracterizou o sujeito pleno da modernidade. O filme *Matrix* ilustra o controle do sistema maquínico sobre a liberdade individual. Como afirma Jan Fabre, coreógrafo, artista plástico, escritor e cineasta belga em recente entrevista,¹⁰ a ciência torna-se o lugar mais criativo onde novos pensamentos, percepções e hipóteses são lançadas. É significativa, neste sentido, a trajetória do ex-biólogo Xavier Leroy que se tornou coreógrafo, desenvolvendo interessantes trabalhos entre a dança e a ciência como por exemplo, o intitulado *The self unfinished*.¹¹ O Caderno Ciência da Folha de São Paulo de 18 de outubro de 2001, divulga, sob a manchete "BBC explora o corpo humano", filme em formato IMAX, mostrando imagens antes restritas a laboratório com o registro do cotidiano de quatro personagens com um arsenal de técnicas de visualização (da microscopia eletrônica por varredura a fotografia termal).¹²

Inserido na discussão sobre os limites das intervenções da ciência e da técnica, Lucien Sfez¹³ chama os novos tempos de utópicos, referindo o contemporâneo como o momento onde uma visão de cunho cientificista mistura a utopia com a prática tecnológica, no que ele denomina utopia realizada impeditiva de julgamento de valor. A este modelo, opõe os tempos da ideologia, quando o pensamento crítico virava pelo avesso alguns conceitos julgados de cunho manipulador. O autor fustiga o que chama de a Grande Saúde espécie de

TERCEIRA MARGEM

"bio-eco-religião" correspondente à visão de uma fusão perfeita do mundo e do indivíduo via intervenções e previsões tecnológicas. A utopia da Grande Saúde renovaria o mito da Idade de Ouro, quando Adão, homem perfeito anteriormente à queda, vivia em harmonia com Deus e a natureza. Contrariamente à militância ecológica das origens, a grande utopia da purificação universal que se perfila no horizonte faz, segundo o autor, largo apelo à tecnologia como ilustram dois programas: o projeto do genoma humano, estabelecendo o mapa genético do corpo humano e a Biosfera 2, vasta estrutura ecológica instalada nos Estados Unidos, universo fechado onde viveram quatro homens e quatro mulheres durante dois anos recriando artificialmente as condições ecológicas do planeta terra (Biosfera 1). O pensamento dos desastres da técnica e a afirmação paralela mais ou menos enfática do corpo como limite intransponível freqüenta também o trabalho de Paul Virilio, Baudrillard preocupados com a desreferência do mundo globalizado que subitamente explode em realidade letais como no caso do World Trade Center.

Por outro lado, idéias surgidas nos campos da matemática, da física, da biologia, da ciência da computação, como sublinha Boaventura Souza Santos¹⁴ incitam à superação do fosso entre as ciências da natureza e as ciências do homem. A crise da certeza científica no campo da matemática e da física, notadamente, o desenvolvimento da biotecnologia e seus desdobramentos, sublinham a nova dinâmica entre natureza e cultura e a abertura propiciada pelo pensamento complexo.¹⁵

Como ainda acentua Bruno Latour, objetos estranhos invadem o mundo contemporâneo desafiando as interpretações e exigindo mesmo uma nova antropologia. O autor faz uma análise das estratégias da racionalidade moderna usadas no sentido de estabelecer uma "Constituição" que remetesse os objetos híbridos fosse para o campo do humano, do político, fosse para o campo da natureza como objeto da ciência. Sublinha o autor a importância de uma visão antropológica global que estabeleça as ligações entre os diversos campos sem abrir mão de distinções e espírito crítico.¹⁶

No campo filosófico

Os estudos sobre os processos de subjetivação no contemporâneo dialogam com as questões suscitadas nos campos das ciências. A filosofia acompanha a crise da ciência clássica, refletindo sobre as antigas distinções categoriais, de interioridade ou exterioridade, de sujeito e de objeto, de alma e de corpo.

TERCEIRA MARGEM

O Ocidente, de um modo geral, avaliara o corpo a partir de preconceitos morais, estéticos, ideológicos e filosóficos, comprometendo o enunciado de sua natureza inapreensível. Para tal, contribuíram a condenação judaico-cristã da carne, a permanência do idealismo platônico e a rejeição da sensibilidade em proveito das coisas do espírito.

Representado durante séculos como baluarte da integridade, espelho da individualidade, o corpo passa sobretudo, a partir dos finais do século XIX, pela assunção de sua complexidade: sujeito e objeto; suporte do eu, mas também do outro; encarnação e também representação; carne e imagem. Um corpo, nas palavras de Maria Rita Kehl, é "um corpo e seu automóvel, um corpo e suas roupas, um corpo e seus remédios. E o Outro, e os outros que o rodeiam vivos ou mortos (...) Um corpo inclui o sentido e o sem sentido da vida e a dura noção da morte, que o acompanha deste a origem até ao final certo".¹⁷ E acrescenta que por tudo isso nossos corpos nos pertencem menos do que acreditamos.

Nietzsche, Freud e Deleuze, seqüencialmente, de formas diferentes, redescobriram o corpo como uma superfície que reflete as características peculiares da vida moderna, o corpo tornado idêntico à sua imagem vivida. Constrói-se uma estética da existência, um corpo comunicativo na linha de Foucault. Se a "coisa em si" é banida como ilusão metafísica, então não se pode falar de aparências versus essência. Ambas são abandonadas em favor da vida como fenômeno em constante *devenir*. As energias da vida atravessam o corpo humano deixando rastros enigmáticos. Para Paul Schilder,¹⁸ a "solidez" do corpo depende da contínua construção e reconstrução de sua imagem e de uma multiplicidade de perspectivas. Ele vê a fragmentação do clássico *ego* burguês como pré-condição para uma experiência mais substancial do corpo. A dissolução do *ego* não resulta na perda do corpo, mas, numa reapropriação. De certa forma ele remete a aspectos do "corpo sem órgãos" de Deleuze e Guattari. Para estes autores, o Cs0 é o que resta quando nos desligamos dos fantasmas, significâncias e subjetivações. Contra as estratificações, eles traçam um plano de consistência do desejo por agenciamentos diversos: perversos, artísticos, científicos, místicos, políticos, que forçosamente se cruzam. O inimigo do Cs0 não é o órgão, mas o organismo como um extrato sobre o Cs0, quer dizer, um fenômeno de acumulação e coagulação, sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, para extrair o trabalho útil.¹⁹ Neste sentido, Deleuze e grandes gurus do imaginário do corpo maquínico como Pierre Lévy e Joël de Rosnay pensam as experiências virtuais e maquínicas de modo geral como enriquecimento dos processos de subjetivação e linhas de fuga. O corpo é ressignificado como intensidade e sua percepção é complexificada.

TERCEIRA MARGEM

Pistas interessantes neste sentido são dadas por José Gil com o conceito de "corpo ponto" e de "imagens nuas".²⁰ O "corpo ponto" talvez possa ser exemplificado no filme *Quero ser John Malkovitch*, de Spike Jonze, como o lugar onde a câmara se instala quando as personagens entram no corpo de Malkovitch, ou seja, no lugar limite entre interior e exterior, limiar onde se localiza os olhos. Quanto as "imagens nuas" são todas aquelas impressões indefinidas que passam juntamente com a imagem central e que são exploradas pelo trabalho de marketing.

O limite entre a desconstrução como apropriação e a desconstrução como tática de alienação, como "ABC" do caos é uma preocupação atual da ética. O foco da reflexão são as estratégias do capitalismo financeiro globalizado e do complexo biotecnológico produtor e manipulador da vida no planeta para utilizar valores conquistados pelos movimentos sociais: liberdade corporal, flexibilidade, fluidez, ousadia, ultrapassagem de fronteiras culturais e biológicas e superação de limites. O retorno das filosofias morais e a preocupação com a ética, segundo Denise Benuzzi de Sant'Ana, busca discernir os momentos em que "no lugar da diferença é valorizada a variação, que em vez da expressão corporal adota-se o imperativo da boa forma e em que no lugar da manifestação do desejo nômade são legitimados os prazeres polivalentes e mutáveis".²¹

No campo artístico

A arte nos fornece rebatimentos dos impactos e metamorfoses por nós nomeados e, por vezes, antecipa-os. Centro minhas observações trabalhando nas relações: identidade/alteridade e encarnação/desmaterialização, continuando com o foco natureza/cultura. A proposta não é pensar, dicotomicamente, mas pontuar os cruzamentos sucessivos privilegiando três momentos: as sociedades primitivas sem Estado, a estética moderna a partir do Renascimento e o momento contemporâneo.

Michel Thevoz²² escreve belo livro de inspiração psicanalítica em que chama atenção para o fato de que o homem sempre teve relação problemática com a própria imagem retocando o corpo de múltiplas maneiras: deformações, mutilações, tatuagens, escarificações, maquiagem, vestuário, cirurgia estética. Nascendo nu e desprotegido, exposto às intempéries e aos olhares teve que se proteger de sua insignificância biológica e marcar a sua pertença à cultura e à comunidade assinala o autor a importância do corpo como suporte das marcas simbólicas na sociedade primitiva, anteriormente ao surgimento do Estado e do aparelho coercitivo exterior. Em tais sociedades, os indivíduos, através de pinturas corporais, fantasmavam os perigos inerentes ao mundo do informe

TERCEIRA MARGEM

para controlá-los. Daí as pinturas apelarem para o heterogêneo, para a alteridade. A característica primeira dos seres sobrenaturais com relação aos humanos, bem longe da semelhança ou mesmo da sublimação que conhecemos era a diferença radical. O homem não era concebido à imagem e semelhança de Deus. A pintura corporal contribuía para estabelecer ritualmente a comunicação com o além, facilitando a viagem iniciática, chamanística, ou seja o devir inumano, animal etc. Esta necessidade era estrutural para a manutenção das comunidades.

O advento da escritura está ligado à construção dos Estados e Impérios e à hierarquização social. A lei do grupo cessa de ser figurada nos corpos, é transcrita sobre a pele anônima dos pergaminhos e tem a sua produção elitizada. A lei remete a um processo de desindividualização e universalização. Agora, marca-se o corpo para excluí-lo.

O quadro renascentista pretendia ser uma janela através da qual o espaço estaria sendo mostrado. O espaço da perspectiva como o espaço cartesiano, constituíram reduções de nossa complexa experiência espacial. Esta abstração só foi possível pela transformação do espaço como dimensão corporalmente significativa, espaço fenomenológico, em espaço matemático estandardizado, possibilitando o surgimento de uma concepção mecânica do corpo. A esta técnica corresponde uma abstração do corpo e uma ênfase de cunho racional na construção de seu sentido.

A revisão desta situação, dominante até o século XIX, é marcada pelo reconhecimento da corporalidade do sujeito. Perceber que nossa fisiologia, nossa experiência e nossa presença são cruciais em relação ao conhecimento, tem como consequência a *torção do espaço cognitivo*. Rompe-se a perspectiva linear que o mantinha exterior e imóvel. Deste ponto de vista, o *conhecimento implica interação, relação, transformação concomitante do sujeito e do objeto*.

A estratégia, dominante até o final do século XIX, começa a ser desconstruída de formas diversas que passam pela sensibilização do suporte que perde a transparência, pelas marcas do artista que se deixam ver sob diversas formas, pela perda da terceira dimensão e por outros processos que implicam na substituição do figurativo e na discussão da representação corporal.

A crise da representação se deixa ver na estética do monstruoso que pontua tanto a concepção artística do corpo orgânico quanto a do corpo tecnológico, manifestando uma inquietante estranheza diante da própria imagem. As figuras de manequins e bonecas, a criação de duplos, com Hans Bellmer, Cindy Sherman ou Laurie Simmons²³ dão depoimentos sobre o fato. A arte do século XX é rica em figurações do corpo incerto que emana do tema do duplo. O dado da incerteza,

TERCEIRA MARGEM

insistindo na pregnância do inconsciente e seu papel foi importante no Surrealismo: Magritte, Paul Delvaux e outros. Cresce a imperfeição, o inacabamento, a montagem fracassada e a hibridação abortada. O monstro testemunha a fronteira tênue entre o humano e o inumano ou tecnológico. Nas artes plásticas são numerosos os exemplos de monstruosidade procurada: Francis Bacon, Helmut Newton nos anos 90 e outros. Brian Reffin Smith, em torno de 1995, na tela do computador, desconstrói corpos gloriosos tomados à grande pintura como a "Olympia de Manet". Sterlac implanta braço mecânico, pontuando com isso a modificação de toda a sensibilidade corporal. Orlan, Donna Haraway afirmam que, no final do século XX somos quimeras, híbridos de máquinas e organismos, somos ciborgues, ontológica e politicamente. Argumenta a autora "em favor da confusão de fronteiras, bem como da responsabilidade em sua construção".²⁴ Para Mário Costa²⁵ cabe à arte, como estética da comunicação, instalar uma nova antropologia: a do homem maquínico e seu metacorpo, o que nos remete à complexidade das questões suscitadas pelo desenvolvimento das novas tecnologias biológicas, comunicacionais e o imaginário corporal.

Pensar o corpo como matéria ou pensá-lo como virtual são apenas alguns dos desafios contemporâneos diante dos quais a estratégia mais adequada parece ser o jogo, a abertura, o controle do risco, a experimentação, a composição que integre a alteridade e a semelhança com o outro e com o mundo. Esta visão, um tanto polimorfa, em oposição ao projeto de representação da unidade, não é pós-humana como sugerem alguns, mas apenas um passo na invenção da mesma humanidade que, não sendo senhora do tempo ou do espaço, busca não perder-se de si. Crise da fé na representação, mas gosto pela representação na produção em cadeia de imagens do corpo. Caímos mas não tocamos o fundo, jogamos com esta queda da mesma forma que a criança em Freud. Fort-da.

NOTAS

¹ Revista *Trip*. Ano 14. São Paulo, setembro de 2000.

² THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*; uma teoria social de mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Revisão da trad. Leonardo Corretzer. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1998. p. 19-46.

³ Ver JOHNSON, Steven. *Cultura da interface*; como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborque*; as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Ver também: BLANCHOT, Maurice. "Who?". In: Eduardo Cadava; Peter Connor e Jean-Luc Nancy (orgs.). *Who comes after the subject?* Nova York: Routledge, 1991, p. 58-60. CADAVA, Eduardo; CONNOR, Peter e NANCY, Jean-Luc (orgs.). *Who comes after the subject?* Nova York: Routledge, 1991. GRAY, Chris H.; MENTOR, Steven

TERCEIRA MARGEM

e FIGUEROA-SARRIERA, Heidi J. "Cyborgology. Constructing the Knowledge of Cybernetic Organisms". In: Chris H. Gray; Heidi J. Figueroa-Sarriera e Steven Mentor (orgs.). *The cyborg handbook*. Nova York: Routledge, 1995, p. 1-14. GUZZONI, Ute. "Do we still want to be subjects?". In: Simon Critchley e Peter Dews (orgs.). *Deconstructive subjectivities*. Nova York: State University of New York Press, 1996, p. 201-16.

⁵ FERGUSON, Harvie. "Me and My Shadows: On the Accumulation of Body-Images in Western Society Part Two – The Corporeal Forms of Modernity. In: *Body & Society*. v. 3, n. 4, december 1997. pp. 01-29.

⁶ BOLTZMANN, Ludwig. *Theoretical Physics and Philosophical Problems*, ed. Brian McGuinness, Dordrecht and Boston: Reidel. 1974.

⁷ LOCHAK, Georges; DINER, Simon; FARGUE, Daniel. *L'objet quantique; comment l'esprit vient aux atomes*. Paris: Flammarion, 1989.

⁸ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Coisas do outro mundo". In: *Corpos de passagem; ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. pp. 41-54.

⁹ SANTAELLA, Lúcia. "O homem e as máquinas". In: *A arte no século XXI; a humanização das tecnologias*. Org. Diana Domingues. São Paulo: UNESP, 1997. pp. 33-44.

¹⁰ *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Ilustrada, 18 de julho de 2001. p. E-8.

¹¹ LEROY, Xavier. "Surrealismo". In: *Veredas*, ano 6, nº 68, agosto/2001. pg. 48

¹² "BBC explora o corpo humano". In: *Folha de São Paulo*. Folha Ciência, 18 de outubro 2001, p. A-11.

¹³ SFEZ, Lucien. *La Santé Parfaite; critique de une nouvelle utopie*. Paris: Seuil, 1995.

¹⁴ SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1993.

¹⁵ Ver RAMOS, Fernando. *Corpo, afeto, linguagem; a questão do sentido hoje*. Benilton Bezerra Jr. e Carlos Alberto Plastino (Orgs.). Rio de Janeiro: Rios Audaciosos, 2001. p. 151.

¹⁶ LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos; ensaio de antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

¹⁷ KEHL, Maria Rita. Orelha do livro "Corpos de passagem; ensaios sobre a subjetividade contemporânea" de Denise Bernuzzi de Sant'Anna. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

¹⁸ SCHILDER, Paul. Apud FERGUSON, Harvie. Op cit., p. 01-29

¹⁹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. pp. 25-26.

²⁰ GIL, José. *A imagem-nua e as pequenas percepções; estética e metafenomenologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d; Água, 1996.

²¹ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem; ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 90.

²² THEVOZ, Michel. *Le corps peint*. Paris: Skira, 1984.

²³ ARDENNE. Paul. *L'image corps; figures de l'humain dans l'art du 20e. siècle*. Paris: Regard, 2001. p. 385.

²⁴ HARAWAY, Donna et alli. *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 42.

²⁵ COSTA, Mário. *L'estetica della comunicazione; cronologia e documenti*. Salerno: Palladio, 1988.